

# Veredas

## Metáfora na Linguagem e no Pensamento

2/2011

---

### Mudança semântica e expansão categorial no léxico do PB: o caso de um *frame* ‘animal’<sup>1</sup>

Genezpabla Albergaria (UFJF)  
Neusa Salim Miranda (UFJF)

**RESUMO:** Este artigo tem como objeto de investigação o uso superlativo metafórico do *frame* ‘animal’ (itens lexicais ‘animal’, ‘bicho’, ‘fera’, ‘monstro’ e ‘gigante’). Sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, nosso aporte teórico central são os modelos de categorização e conceptualização e a Teoria Conceptual da Metáfora e da Metonímia. Para descrever as condições de uso destes itens lexicais no PB, nossa escolha metodológica recai sobre uma investigação baseada em *corpus*. Os resultados obtidos consolidam a hipótese de que o processo de mudança semântica e categorial dos itens lexicais do *frame* ‘animal’ implica a projeção deste domínio-fonte em um domínio-alvo, o *frame* de Posição em uma escala.

Palavras-chave: semântica lexical; metáfora; polissemia.

---

**PB:** Português do Brasil

<sup>1</sup> Este artigo sintetiza a abordagem teórica assumida e os resultados analíticos alcançados na dissertação de mestrado intitulada “Projeção figurativa e expansão categorial no PB: o caso de um *frame* ‘animal’”, defendida em 2008, no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Neusa Salim Miranda.

116

## Introdução

Somos animais. Lutamos por nossos objetivos, rivalizamos com os outros, defendemos o nosso território, adoramos competir. Estabelecemos estratégias para alcançar a liderança, para destruir o inimigo, para acabar com a concorrência. Gostamos de andar em bando, principalmente se forem nossos coespecíficos. Mas também somos o animal que se desagrega, se desgarrá, que deseja desincumbir-se do outro, quieto a um canto, sem conversa. O pior e o melhor da natureza animal residem em nós, sempre próximos à superfície, prontos para emergir. *Viramos bicho* se alguém pisa no nosso calo, mas ficamos hipnotizados ante um *monstro sagrado*. Computador, carro? Não basta ser bom, tem que ser uma *fera*, ter um desempenho *monstro*...

É a partir deste campo conceitual tão visceral e capaz de evocar as mais diversas significações nas mais variadas cenas da vida cotidiana que o presente estudo se situa, tencionando investigar o processo de expansão figurativa e categorial do *frame* de ‘animal’. Nesse estudo de caso, nossa hipótese analítica é a de que teríamos como domínio-fonte o **frame de animal** (itens lexicais ‘animal’, ‘bicho’, ‘fera’, ‘monstro’ e ‘gigante’) que se projeta e se convencionaliza como um **frame de escala**, como ilustram os exemplos abaixo:

- (1) O café da manhã dos caras vai ser "*animal*". (CETENFolha - Folhateen)
- (2) “Janeiro é um mês cheio de contas a pagar. Vem IPVA, IPTU... aí *o bicho pega*.” (g1)
- (3) Nas piscinas ele é *fera*. No mar, o nadador Gustavo Borges levou caldo. O campeão foi atropelado por uma onda *gigante*. (Veja)
- (4) Coração na boca, frio na barriga e ansiedade *monstra!!!!* (blog)

Adotamos, como aporte teórico central, a Linguística Cognitiva com seus modelos de conceptualização e categorização (Lakoff e Johnson, 1980 [2002], 1987, 1999; Fauconnier e Turner, 1997, 2002; Tomasello, 1999, 2003; Croft, 2004; Fillmore, 2007) e a Teoria Conceptual da Metáfora e da Metonímia (Lakoff e Johnson, 1980 [2002], 1987, 1999; Barcelona, 2003), tomados a partir da questão da mudança semântica e do efeito polissêmico. Em termos metodológicos, este estudo de caso, ancorado no pressuposto sociocognitivo de que os significados emergem nas cenas de interação em uma cultura, estabelece um compromisso com a empiria, optando, assim, por uma pesquisa baseada em *corpus* (Sardinha, 2004).

O presente artigo estrutura-se nos seguintes termos: na seção 1, apresentamos as bases teóricas norteadoras de nossas análises, explicitando o papel cognitivo da metáfora e da

metonímia, assim como sua estrutura interna; a seção 2 delimita o objeto de pesquisa, a metodologia utilizada e nossa proposta de análise; na seção 3, descrevemos a dimensão semântico-pragmática da rede ‘animal’; na seção 4, os resultados obtidos acerca da dimensão formal das construções lexicais e o estágio do processo de recategorização. As conclusões enfeixam os principais ganhos analíticos em torno do estudo realizado.

## 1. Por uma abordagem sociocognitiva da linguagem

Um dos pressupostos nucleares da Linguística Cognitiva é o de que a cognição não é um fenômeno exclusivamente empírico (como previa a abordagem behaviorista), nem meramente racional e mentalista (como defende o cognitivismo clássico), mas um fenômeno essencialmente social, situado e distribuído, sociocognitivamente construído e cuja interação com o mundo decorre da percepção e do movimento.

Tal perspectiva, assumida pela Linguística Cognitiva, rompe com o modelo explicativo predominante nos estudos linguísticos de viés formalista e passa a sustentar a tese da corporificação do pensamento (Realismo Corporificado), como fonte de hipóteses plausíveis sobre o significado linguístico, sobre a metáfora, a imaginação e sobre correspondências cognitivas (Lakoff e Johnson 1980[2002], 1987, 1999).

A visão corporificada do pensamento é, pois, a tese central do Realismo Corporificado, qual seja, a perspectiva teórica experientialista de que percepção, corpo e cultura não estão dissociados dos mecanismos de conceptualização e categorização; antes de tudo, são eles que os instituem. A rigor, não possuímos elementos para conceptualizar que não surjam da experiência física, corporal e sociocultural e, assim, categorias, conceitos e experiência são inseparáveis. Deste modo, resgata-se a importância do corpo que passa a desempenhar um papel central nos processos de conceptualização, constituindo-se como uma dupla fundação, isto é, o corpo é ao mesmo tempo cerne e meio para a concepção. É o cerne porque a experiência sensorio-motora, física e social é crucial para a compreensão do mundo e de nós mesmos. E é meio porque o modo como os humanos (e qualquer outro animal – primatas, mamíferos, aves...) categorizam é também uma consequência inevitável de sua biologia.

É, pois, a partir desse viés teórico que se ergue um dos grandes investimentos da investigação cognitiva: os processos de conceptualização e categorização em suas correspondências com estruturas pré-conceptuais (Categorias de Nível Básico e Esquemas Imagéticos) e conceptuais (domínios conceptuais ou *frames*) e com redes de integração entre tais naturezas de estrutura (projeções figurativas, como metáforas e metonímias, por exemplo). Dito de forma mais sucinta, os pressupostos cognitivistas que fundamentam a compreensão dos processos categorização podem ser assim anunciados (LAKOFF e JOHNSON, 1980 [2002], 1987):

1. Centralidade da experiência na arquitetura de nossos sistemas conceptuais
2. Existência de estruturas pré-conceptuais da experiência
3. Existência de domínios complexos de conhecimento (*frames*)
4. Centralidade das projeções metafórica

É, pois sobre tais processos cognitivos de conceptualização e categorização que passamos a nos debruçar, ainda que de modo abreviado, na próxima seção.

### 1.1. Processos figurativos: metáfora e metonímia

Um dos pressupostos fundamentais da teoria sociocognitiva sobre a conceptualização e categorização é a postulação de estruturas pré-conceituais da experiência (Esquemas Imagéticos e Categorias de Nível Básico) e de domínios estáveis de conhecimento ou de estruturas conceptuais complexas erigidas a partir de experiências basilares e de teorias populares sobre o mundo. Para Lakoff (1987, 1999), tais domínios são nomeados como *Modelos Cognitivos Idealizados* (MCIs) e entendidos como estruturas de conhecimento e experiência armazenadas em nossa memória, de forma esquemática. Para Fillmore, são *frames* semânticos (1979, 1982, 2000, 2003), estruturas conceptuais que subjazem ao uso e interpretação dos itens lexicais, experiencialmente construídas e situadas contextualmente (social e cultural). A tendência dos estudos linguísticos sociocognitivistas mais recentes é, contudo, a generalização do rótulo de *frame* para nomear tais estruturas de conhecimento.

É sobre esses princípios que se assentam os processos de significação e resignificação da linguagem. Integrando estruturas basilares e *frames* e configurando-os, de modo imaginativo, redes conceptuais de várias naturezas se instituem e, dentre elas, as redes de projeções figurativas que compreendem a metáfora e a metonímia. É, pois, a partir desse enquadre, que metáforas e metonímias saem da periferia dos estudos da linguagem, onde se mantiveram por muitos séculos, para ocuparem a cena principal não só da Linguística Cognitiva, como também das Ciências Cognitivas em geral.

Considerada pela Tradição Retórica como uma mera figura de linguagem, de caráter puramente ornamental, desprovida de valor cognitivo, assim foi vista, durante séculos, a metáfora. É com George Lakoff e Mark Johnson, na obra *Metaphors We Live By* (1980), que o questionamento a esta visão ganha consistência e a metáfora é alçada a uma posição central nos estudos em Semântica Cognitiva. Assim, após uma ampla análise de enunciados da linguagem cotidiana, os autores desvelam um imenso sistema conceptual que rege o nosso pensamento, linguagem e ação, constatando que metáforas são, antes de tudo, uma forma de conceber o mundo, não uma simples opção retórica.

No que tange ao entendimento de como surgem novos significados e a descrição de sua estrutura interna, ou seja, que elos permitiriam a extensão de significados a partir de um sentido básico, bem como a motivação conceptual subjacente a todos esses usos, temos na metáfora e metonímia um importante mecanismo gerador de polissemia. Assim os pontos mais enfatizados na discussão de Lakoff e Johnson acerca da Teoria Conceptual da Metáfora (doravante TCM) seriam a dimensão conceptual, a sistematicidade, o Princípio da Invariância e a motivação experiencial.

De fato, a ênfase na dimensão conceptual situa a metáfora como um fenômeno cognitivo, que se estabelece a partir de um mapeamento interdominial em que os padrões metafóricos envolvem correspondências entre um domínio-fonte, de natureza mais concreta, ligado à nossa experiência física, e um domínio-alvo, de natureza abstrata. Estes padrões não estariam restritos à expressão verbal, podendo realizar-se através de imagens e/ou gestos.

Sobre a sistematicidade do fenômeno, Grady (2007, p. 191) postula que a projeção

sistemática dos elementos entre os domínios conceptuais envolve não somente objetos e propriedades característicos daquele domínio (construções, viagens, guerra...), mas também as relações, os eventos e cenários que o definem. Dito de outro modo, a TCM concentra-se no mapeamento das inferências do domínio-fonte para o domínio-alvo.

Segundo Lakoff (1993, p. 210) a metáfora não é um processo arbitrário, tampouco se constrói a partir de um conjunto infinito de relações sugeridas aleatoriamente entre os domínios conceptuais. Em cada padrão metafórico o mapeamento é regido por um princípio geral, o Princípio da Invariância, que impõe e explica as restrições de significados: Mapeamentos metafóricos preservam a topologia cognitiva, isto é, a estrutura do esquema imagético do domínio-fonte, de modo consistente com a estrutura inerente do domínio-alvo. (LAKOFF, 1993, p. 215)

Neste sentido, temos no Princípio da Invariância uma ferramenta importante para a testagem de interpretações possíveis a um enunciado, para a filtragem das mais relevantes e a individualização do significado perspectivizado em cada cena ou contexto. Assim, no enunciado *Fulano é um touro no trabalho*, a possibilidade de compreensão é licenciada, primeiramente, pela metáfora conceptual PESSOAS SÃO ANIMAIS, fortemente convencionalizada em nossa cultura e frequentemente evocada para caracterizar comportamentos e atributos dos seres humanos. Como explicita Lakoff (1993), este é um outro item que caracteriza o mapeamento – a parcialidade – ou seja, nem todos os elementos do domínio-fonte possuem uma contraparte no domínio-alvo. Assim, no exemplo acima, os mapeamentos metafóricos selecionam apenas os elementos do domínio-fonte (ANIMAL), tais como força e resistência física, que são consistentes com os do domínio-alvo (PESSOAS), como força, persistência, tenacidade e determinação, de modo a promover a convergência, ou seja, o espaço de homologia entre propriedades humanas (atitudes de uma pessoa em um *frame* de trabalho) e animais.

O que nossas discussões reiteram é o tratamento da metáfora e da metonímia como fenômenos pervasivos na linguagem e no pensamento. Assim como as metáforas, os conceitos metonímicos são altamente sistemáticos e estruturados, descrevem projeções conceptuais sistemáticas intradomínios (enquanto a metáfora implica projeções interdomínios), possuem uma motivação experiencial e contribuem para o processo de formação de conceitos, convencionalização e mudança semântica.

## 2. A delimitação do objeto e a escolha metodológica

Conforme explicitado à Introdução, nosso objeto se configura a partir de um pequeno nóculo de uma ampla rede do *frame* de ‘animal’. Recortamos, como foco de nosso estudo, um grupo de entidades naturais desse *frame*, as categorias superordenadas: ‘animal’, ‘bicho’ e ‘fera’, além dos itens lexicais ‘monstro’ e ‘gigante’, que se agregam aos três primeiros através de uma relação familiar de prototipia, partilhando propriedades tais como *animacidade*, *agentividade*, *força física*, e *dimensão avantajada*. A princípio, tais itens poderiam ser categorizados em domínios conceptuais distintos: animal, bicho e fera representariam um domínio de seres ‘reais’, enquanto monstro e gigante o de seres ‘imaginários’. No entanto, decidimos por enquadrá-los em um domínio único, dados o elo familiar de ‘força animal’ que

implicam, na origem, e de expressão de intensidade, força e grandeza no domínio-alvo.

Dentro desse recorte, nossa hipótese é de que tais itens lexicais do domínio animal, mediante expansão semântica e/ou categorial, promovida por projeção figurativa, passam a atuar como **operadores semânticos de escala**. Dito de outro modo, significa dizer que, em sua dimensão metafórica, tais itens, de natureza mais concreta, são reanalisados como **construções lexicais modificadoras de grau**. Nossa agenda analítica consiste, portanto, em averiguar a dimensão semântico-pragmática e formal do processo de mudança da rede lexical em foco, dando maior ênfase e espaço à primeira dimensão.

Conforme já explicitamos, no encaixo dessa agenda analítica, o presente trabalho, que se define como um Estudo de Caso, tem a Linguística Cognitiva como escopo teórico central e conduz sua escolha metodológica em termos do compromisso desse modelo teórico com a empiria. Nesse sentido, procurando fazer uma Linguística Cognitiva baseada em corpus, procedemos à exploração de evidências extraídas em uma grande massa de dados – um “*corpus*” eletrônico específico, natural, heterogêneo, com diferentes graus de formalidade, construído para esta investigação. Os dados ou evidências obtidos foram processados através do programa Wordsmith Tools 4.0. usando-se as seguintes ferramentas: listas de palavras, concordanciadores e palavras-chave.

Em razão do que os linguistas de *corpus* (SARDINHA, 2004; ALUÍSIO e ALMEIDA, 2006), nomeiam como *corpus*, cabe, ressaltar aqui os limites do que, neste estudo, estamos nomeando como tal. De modo abreviado, um *corpus* é entendido como uma grande massa de dados eletrônicos, natural e heterogênea, sistematizada e tratada de acordo com determinados critérios e dimensionada em termos de número de palavras. Alguns destes corpora do Português encontram-se hoje disponíveis em domínios públicos (SARDINHA, op.cit: 9 e 10). Nossos dados, contudo, não foram obtidos em corpora tratados dessa natureza. Nossa base empírica construiu-se através de dados colhidos na internet, no *site* de revistas da Editora Abril (ABRIL.COM), no CETENFolha/Folha de São Paulo, no g1 – Portal de Notícias da Globo.com, em blogs e em comunidades de relacionamento do Orkut. A razão para tal decisão metodológica decorre do fato de buscarmos uma base de dados com uma variação maior de registro – em especial de linguagem informal – o que os corpora tratados disponíveis e consultados não nos ofereceram.

A Tabela 1 abaixo apresenta os resultados quantitativos de nossa rede lexical metafórica do domínio ‘animal’, obtidos a partir do processamento dos dados no programa Wordsmith Tools 4.0 e do trabalho ‘manual’ com os dados:

CORPUS ESPECÍFICO						
Item lexical	Abril.com	CETENFolha	G1	Blog	Orkut	Total
Animal	21	13	3	11	26	74
Bicho	260	18	14	12	20	324
Fera	186	20	44	17	21	288
Monstro	184	53	24	7	25	293
Gigante	1603	100	161	104	168	2.136
No. de ocorrências por <i>corpus</i>	2.254	204	246	151	260	3.115
Percentual de ocorrências	72,4 %	6,5 %	8 %	4,8 %	8,4 %	100 %

Tabela 1: Dimensão e distribuição do *corpus* específico.

Cabe ressaltar que a tabela acima é o resultado de uma triagem manual das ocorrências metafóricas, procedimento que visou restringir a coleta ao nosso objeto de pesquisa, obtendo-se, assim, 3.115 ocorrências. Focaliza-se, basicamente, a frequência de uso dos itens lexicais e a distribuição de ocorrência por *site*. Deste modo, numa escala de frequência de uso, da menor para a maior, temos no item *animal* a menor incidência em todo o *corpus* (74 ocorrências), e em *gigante*, o item de maior ocorrência (2.136). Em seguida, temos o item bicho, como o segundo mais frequente, com 324 ocorrências; enquanto os itens *fera* e *monstro* apresentam valores aproximados (288 e 293 ocorrências respectivamente). Quanto à distribuição de ocorrências por *site*, todos os itens apresentam grande frequência no *corpus* da Abril.com, enquanto a menor incidência é registrada em blogs e no Cetenfolha. Os *corpora* do G1 e Orkut apresentam relativo equilíbrio (246 e 260 textos respectivamente).

A análise dos dados revelou que a frequência de ocorrências é maior no *corpus* específico da Abril.com e no G1, contrariando, em parte, nossa expectativa, qual seja, a de que o uso metafórico desses lexemas estaria restrito a contextos marcadamente informais, como os do Orkut e de Blogs. De fato, os dados revelam que os usos se estendem para além das posturas estritas de informalidade, o que já sinaliza, de pronto, um processo de convencionalização dessas construções lexicais. Por outro lado, contudo, a frequência mais baixa no CETENFolha confirma a hipótese de que os usos não se espraiam, ainda, de forma irrestrita, por gêneros mais formais como reportagens da Folha de São Paulo.

### 3. A dimensão semântico-pragmática de uma rede lexical ‘animal’

Antes de buscarmos comprovar o estatuto semântico de operadores de escala que estamos atribuindo aos itens lexicais arrolados, cabe nos determos sobre a dimensão conceptual do domínio-fonte desta rede lexical – o *frame* conceptual de ‘animal’.

Em uma descrição aligeirada desse *frame*, nos termos propostos por Lakoff (1987, p. 285) e voltada para nossos interesses analíticos específicos, limitaremos a considerar a sua **ontologia**. Os elementos em uma ontologia podem ser ou conceitos de nível básico - entidades, ações, estados, propriedades, etc - ou conceitos caracterizados por modelos cognitivos de outros tipos. São entidades cognitivas, não coisas reais.

No caso do *frame* de ‘animal’, um aspecto de sua ontologia de interesse para nossas descrições são as Entidades Naturais que a integram, quais sejam:

1. Categorias de Nível Básico (CNB): gato, cachorro, papagaio, rato, burro, vaca, porco...
2. Categorias superordenadas: animal, bicho, fera...
3. Categorias subordenadas: cascavel, jararaca, piranha, traíra, mula, leitão...

Interessam-nos também os atributos dessas entidades e seus comportamentos que teriam relevo na projeção metafórica em estudo. Assim, teríamos traços como *animacidade*, *agentividade*, *irracionalidade*, *força bruta*, *dimensão física*, *estratégias de defesa*, *comportamentos de sobrevivência*, *dentre outros*. A projeção metafórica do *frame* de ‘animal’, em suas múltiplas entidades, atributos e comportamentos é um fenômeno linguístico

altamente produtivo, com uma alta frequência tipológica. A princípio, parece-nos que **todas** as entidades da ontologia do *frame* de animal podem servir como domínio-fonte de um processo figurativo metafórico ou metonímico. É assim que, nos termos da Metáfora da Grande Cadeia (Lakoff e Turner, 1989, p. 170-171), humanos (e outras entidades) podem ser conceptualizados como animais de todos os tipos (cães, ratos, formigas, baratas, elefantes...). Ressalte-se o fato de que todos os tipos impõem um valor escalar superlativo e uma avaliação majoritariamente negativa.

Conforme já explicitamos, contudo, nosso objeto constitui-se de um pequeno nóculo dessa ampla rede do *frame* de ‘animal’. Recortamos como foco de nosso estudo um grupo de entidades naturais desse *frame*, as categorias superordenadas ‘animal’, ‘bicho’, ‘fera’, além dos itens lexicais ‘gigante’ e ‘monstro’ que se agregam aos três primeiros através de uma relação ‘familiar’ de prototipia, partilhando propriedades, tais como animacidade, agentividade, força física e dimensão avantajada. Tendo este *frame* como domínio-fonte, a projeção metafórica em foco provoca, portanto, a reanálise semântica de tais itens lexicais dentro do *frame* de escala. É o que trataremos a seguir.

Para que possamos mensurar, de modo mais claro, a dimensão semântica escalar de nossa rede lexical, passamos a operar com o conceito de *frame* proposto dentro do projeto lexicográfico computacional Framenet.

Inspirado na teoria de Semântica dos *Frames* desenvolvida por Fillmore e seus colaboradores (1975, 1977a, 1977b, 1982, 1985), o conceito de *frame* proposto por este linguista parte do pressuposto de que o significado das palavras é organizado a partir de cenários conceptuais, ou *frames*, o que permite a compreensão de um conceito que esteja vinculado a ele. Tal estrutura conceptual subjaz ao uso e à interpretação dos itens lexicais. Nos termos de Fillmore (1978, apud Fillmore 2003, p. 241), o *frame* pode ser definido como um mega instrumento de descrição, análise e organização do léxico, que possibilita caracterizar todas as categorias de palavras, frases e expressões, utilizando o mesmo aparato cognitivo – o *frame*.

Inspirado no conceito de *frame*, vem sendo desenvolvido o projeto lexicográfico computacional - a Framenet (<http://framenet.icsi.berkeley.edu/>). Sua finalidade é identificar e descrever *frames*, analisar o significado das palavras e estudar suas propriedades sintáticas. Suas unidades básicas de análise são o *frame* (estruturas conceptuais internamente complexas) definidos em termos de Elementos do *Frame* (EF - participantes da cena conceptual que os integram) e a Unidade Lexical (UL), definida como um pareamento de forma com um significado. O que a teoria dos *Frames* e a Framenet têm em comum é o fato de ambos caracterizarem as relações semânticas entre as palavras, sendo que a Framenet reconhece, no *frame*, a existência de esquemas conceptuais mediadores dessas relações semânticas.

Embora a FrameNet não opere com nenhum tipo de notação metafórica, tomamos deste projeto o *frame* de POSIÇÃO\_EM\_UMA\_ESCALA / POSITION\_ON\_A\_ESCALE (Quadro 1)<sup>2</sup>, que usaremos para configurar um possível enquadre de nossas construções

---

<sup>2</sup> Os exemplos em Inglês foram mantidos e sua tradução busca ser mais ‘literal’, de modo a manter a estrutura sintática mais próxima do original e preservar o enquadre formal da cena.

lexicais - quando em posição sintática de predicador , limitando-nos a descrever a camada semântica da UL.

### Position\_on\_a\_scale /Posição\_ em \_uma\_ escala /

**Definição:** As palavras neste *frame* descrevem a posição estática de um **Item** em uma escala em relação a alguma **Variável** de propriedade.

**Elementos do Frame: (EFs)**

**Centrais/ Core:**

- **Item [Item]** – Este EF identifica a entidade cuja propriedade escalar é especificada.  
Bacon is **HIGH** in fat/ Bacon é **ALTO** em gordura.
- **Variável [Var]** – O EF **Variável** é a propriedade escalar que o **Item** possui.  
Soda is **HIGH** in sugar. / Soda é **ALTA** em açúcar.

**Centrais não – expressos /Core Unexpressed:**

- **Valor [Val]** – O EF **Valor** corresponde à posição ou variações de posição que o **Item** ocupa em uma escala. É geralmente implícito na UL.  
This car is **HIGH** in price/ Este carro é **ALTO** no preço.

**Não-centrais:**

- **Grau []** - Este EF identifica o **Grau** que a propriedade escalar de um **Item** alcança em relação a alguma **Variável**.  
Bacon is **very HIGH** in fat/ Bacon é **muito ALTO** em gordura.
- **Domínio []** - Este EF descreve o conjunto de **Items** para o qual a posição **Variável** é determinada.  
Interest rates are **HIGH** in **West Germany**/ / As taxas de juros são **ALTAS** na **Alemanha Ocidental**.

Tomemos os EFs (Elementos do *Frame*) que configuram a cena perspectivizada pelo *frame* acima (Item, Variável, Valor ( EFs Centrais), Grau e Domínio (EF Não-centrais)) em exemplos de ocorrências de nosso *corpus*:

- (5) Procuram-se profissionais Java  
As empresas de tecnologia avisam: a demanda por **quem** é **FERA** **em Java** está em alta. (Info)

- (6) **João Gordo** é assim, ciclótico. Tem crises de mau humor e simplesmente odeia piadas de gordo. Fica **UMA FERA** e é capaz de partir para cima daquele que disser que com ele o pneu do carro abaixa, a piscina esvazia. (Veja)

No primeiro exemplo (5), as inferências semântico-pragmáticas plausíveis em relação a *fera* remetem, claramente, a uma posição escalar superlativa, hiperbólica (EF Grau) de uma propriedade (EF Variável – COMPETÊNCIA, neste caso). Parafrazeando, temos ‘a demanda por quem é *fera/muito competente* em Java’.

Se tentarmos fazer a anotação semântica deste exemplo, uma dificuldade emergirá de pronto. É que o processo de lexicalização em foco, metaforicamente promovido, e não anotado na FrameNet, representa uma forte compressão do *frame* de POSIÇÃO\_EM\_UMA\_ESCALA. Como ilustramos acima, temos o EF Item expresso pelo item lexical ‘quem’ (=profissional), enquanto os demais EFs que configuram a cena conceptual, semântica são implícitos na UL *fera*, predicadora da cena em foco. Assim, a metáfora lexical *Fera* produz inferências em relação a Valor, Grau (superlativo) e Variável (competência).

O segundo exemplo (6), também aciona inferências semântico-pragmáticas que remetem a uma posição escalar superlativa, hiperbólica (EF Grau), mas de uma propriedade de outra natureza (EF Variável – AGRESSIVIDADE) atribuída à pessoa ‘João Gordo’ (EF Item). Numa paráfrase, teríamos ‘Tem crises de mau humor e *fica uma fera/muito bravo*’. Embora os EFs inferíveis da cena também estejam implícitos na UL predicadora ‘fera’, neste caso o discurso oferece mais elementos para inferência de um contexto de AGRESSIVIDADE, que atuam como desencadeadores, intensificando o processo.

De fato, em processos de reanálise de um item lexical mais concreto para uma cena mais abstrata temos, via de regra, uma forte redução do caráter de composicionalidade semântica (TRAUGOTT, 2007, p. 547), o que significa dizer que o todo se torna (ainda) mais complexo e mais rico que a soma das partes que o integram. Tal redução sinaliza a um só tempo a forte dimensão pragmática da construção.

Assim, nos exemplos em foco, a inferência mais relevante envolvida no processo de significação das ULs em estudo - o valor superlativo de uma propriedade (esta relevância decorre do fato de sinalizar o estatuto de operador escalar para a construção) - já teria se estabilizado, se convencionalizado. *Fera, animal, bicho, monstro e gigante* têm papel semântico de instâncias de uma construção lexical metafórica de grau superlativo. Já a definição da propriedade variável a que se atribui o grau (a associação de *fera* a competência ou a agressividade, por exemplo) envolve uma tarefa a mais - o efeito polissêmico só é resolvido, no contexto pragmático, discursivo, como podemos verificar nos exemplos acima (5 e 6).

A avaliação positiva ou negativa ainda imposta, de modo pragmático, em cenas como estas, emerge como uma marca discursiva de subjetificação, de auto-expressão de crenças e atitudes (TRAUGOTT, 2007, p.543) “Significados tendem a se tornar cada vez mais baseados em atitudes e crenças subjetivas dos falantes em relação ao que está sendo dito.” Para a autora, processos de mudança semântica podem ser acompanhados por um processo de pragmatização do significado e de subjetivização. O primeiro envolve estratégias metonímicas (de natureza inferencial) de aumento de informação pragmática e estratégias metafóricas de aumento de abstração; já o segundo, refere-se a um processo pelo qual os significados migram

do conteúdo semântico objetivo para expressar a subjetividade, o envolvimento do locutor com o enunciado. Sintetizando os resultados analíticos em termos do pólo semântico-pragmático da construção lexical em foco, temos o quadro que passamos a apresentar.

Os itens lexicais do domínio animal – *animal, bicho, fera, monstro e gigante* – mediante expansão semântica e/ou categorial, promovida por projeção figurativa, passam a atuar como operadores semânticos de escala dentro da seguinte configuração:

- Expressam valor e grau superlativo.
- 
- (7) Que tal um garoto G ao cubo? É isso mesmo! De Gato, de primeira. Afinal ninguém merece um *bicho-papão* ao seu lado, toda hora todo minuto, te acompanhando em todos os lugares que você for. (Capricho)
- Expressam domínios de propriedades variáveis, como competência, potência, dimensão, dentre outras.
- (8) Carreira, ele é *fera no assunto*. Quando se trata de saber onde investir bem o dinheiro Marcos Preto, do Banco Schain, arrebenta. Mesmo num ano com economia complicada. (Veja)
- (9) Você, *fera na cama!* (Boa Forma)
- (10) Francês faz *cálculo monstro* sem ajuda de computadores. (g1)
- Implicam inferências avaliativas – positivas ou negativas.
- (11) A minha aula foi legal e o meu dia *animal!* (blog)
- (12) Um marido tão *animal* que nem a mulher o suportou.
- Aplicam-se a itens variáveis: humanos e entidades.
- (13) Festival reúne *feras* do jazz em SP. (g1)
- (14) Espreguiçada *monstro*. Espante a preguiça alongando cada músculo do seu corpo. (Boa Forma)
- Configuram-se como estratégia discursiva de auto-expressão, revelando atitudes e crenças do falante.
- (15) Teoria da honestidade relativa: Tenho uma teoria segundo a qual o homem honesto é uma ficção. No interior de cada *gigante* da honestidade há um *anão* desonesto à espreita, pronto para escapular. (Cetenfolha - Opinião)

Em relação ao exemplo 15, os itens *gigante* e *anão* deixam de referenciar situações que envolvam tamanho, dimensão física, relativos à descrição de uma situação externa, para expressar perspectivas, atitudes e crenças do locutor em relação à situação comentada. Desse modo, deixam de atuar como pontos extremos em uma escala de dimensão, para graduar e avaliar regiões demarcadas por valores morais, numa escala máxima de honestidade, caráter (*gigante da honestidade*), mas também por valores negativos, numa escala mínima (*anão desonesto*).

### 3.1. A motivação metafórica e metonímica para a rede lexical do *frame* ‘animal’

No que tange à consideração das bases cognitivas que sustentam os processos de extensão de sentido, bem como o de individualização do significado, nossa hipótese é de que poderíamos postular a atuação da metonímia em dois níveis do processamento da significação de nossa rede metafórica.

Primeiro, como base da metáfora, nos termos defendidos por Barcelona (2000) de que toda metáfora teria uma metonímia como base. Embora convencidos da relevância da argumentação de Barcelona, consideramos que a teoria da metáfora primária (Lakoff e Johnson, 1999) com suas bases experienciais (esquemas imagéticos) já oferece uma alternativa teórica para a questão posta por este autor. De fato, trata-se de reconhecer as bases experienciais da metáfora. No caso de nossa rede metafórica lexical, temos como bases primárias da estrutura conceptual o esquema imagético da força e a metáfora primária CAUSA É FORÇA FÍSICA. Assim, a nosso ver, tais bases experienciais permitirão que, dentro de uma metáfora conceptual como PESSOAS SÃO ANIMAIS, possamos, em termos de projeção seletiva de traços, escolher as propriedades de DIMENSÃO/FORÇA FÍSICA como a PARTE mais relevante de um TODO que configura esta entidade e projetá-la no domínio-alvo humano.

O segundo caso de possível processamento metonímico seria sua atuação como estratégia de resolução da polissemia da rede em nível do contexto específico de cada ocorrência. Conforme explicitamos (cf. seção 3) a definição da propriedade a que se atribui um grau (a associação de *fera*, *animal* a competência ou a agressividade;) envolve uma tarefa a mais - o efeito polissêmico obtido só é resolvido no contexto pragmático, discursivo, como podemos verificar em exemplos, como (8), (9), (11) e (12). Nesses casos, um processamento metonímico na manipulação discursivo-pragmática implicará na inferência de um significado (PARTE pelo TODO) plausível dentro do contexto específico.

#### 4. O pólo formal das construções lexicais e o estágio do processo de recategorização

Como estamos tomando como objeto os itens lexicais que são considerados, dentro das discussões lexicográficas sincrônicas como primariamente substantivos, nosso propósito nesta seção é verificar: (i) em que medida a transformação semântica descrita nas seções anteriores se faz acompanhar de um processo de recategorização sintática, e (ii) em que estágio tal processo se encontra. Duas generalizações sobre as mudanças semânticas operadas no processo de configuração de nossa rede lexical servem de guia à análise formal:

1. Expansão lexical: o SN1 deixa de ser restrito a lexemas de bases mais concretas:
  - (18) *A fera* fugiu do zoológico (SN1 - sentido básico, mais concreto)
  - (19) Festival reúne *feras do jazz em SP*. (G1) (SN2- expansão metafórica, mais abstrata)
2. Expansão semântico-pragmática:
  - i. Padrão polissêmico, com mais de um significado, além do significado básico:
    - (a) expansão para sentido mais abstrato, mantendo valor referencial (*a fera do volante, o gigante da internet*) ou (b) perda do valor referencial, passando a expressar qualidade (*guitarrista fera, comício monstro*).

Nossos resultados analíticos, convergentes com as generalizações anteriores, apontam uma expansão morfossintática da rede para um padrão sintático duplo: o SN2 (com sentido metafórico) mantém função de substantivo (*a fera do volante*) ou é sintaticamente reanalisado como um adjetivo, com estatuto de adnominal ou predicativo (*guitarrista fera, o comício foi monstro*).

É sabido que a fluidez de fronteira entre a categoria de substantivo e adjetivo é um processo amplamente discutido na literatura sobre categorias gramaticais. Pode se realizar por um processo mórfico ou por um processo semântico-pragmático de expansão categorial, no entanto, ambos visam criar flexibilidade, permitindo uma maior mobilidade. No segundo caso, esta flexibilidade é motivada por necessidades comunicativas, assim, como argumenta Perini (1997, p. 45). No momento em que uma palavra começa a ser usada com um novo significado, ela precisa mudar seu comportamento gramatical de acordo com a nova função.

Para Neves (2000), a fluidez de fronteira pode ser considerada a partir da mudança categorial dos substantivos, afirmando que esta categoria lexical, utilizada preferencialmente para nomear entidades cognitivas e/ou culturais, pode deixar de ser referencial e funcionar como adjetivo. Quando tal ocorre, o substantivo assume o comportamento morfossintático de adjetivo, o que pode ocorrer tanto em função predicativa, quanto adnominal; além de desempenhar as funções de gradação, intensificação e avaliação, prototipicamente associadas ao uso de adjetivos.

Nosso estudo procura evidenciar, mediante procedimentos de análise de frequência, os padrões morfossintáticos de cada item de nossa rede lexical, de modo a avaliar, com um conjunto significativo de evidências empíricas, o estágio do processo de recategorização e convencionalização de seu uso metafórico (Albergaria, 2008, p. 79). Os resultados obtidos na análise do *corpus*, aqui apresentados de modo aligeirado, revelam a predominância da categoria Substantivo em 68,7% das ocorrências, e apenas 31,3% dos itens são reanalisados como Adjetivo, favorecendo assim a hipótese da resistência à mudança e a manutenção do estatuto categorial destes itens. A única exceção é o item *animal*, cuja predominância recai na categoria Adjetivo (77 %). Apesar da baixa frequência deste item, ainda assim exhibe, de forma bem mais ostensiva, um movimento maior de migração categorial do que o somatório de outros itens na representação do Substantivo (68,7%). De qualquer forma, temos, em todos os itens lexicais, um processo de recategorização em curso, em estágios distintos.

## Conclusões

O presente estudo teve como meta desvelar a mudança semântico-pragmática e formal que, operando dentro de um nóculo da rede lexical do *frame* de ‘animal’, vem promovendo, mediante projeção figurativa, sua reanálise como operadora de semântica escalar. Para atingirmos tal meta analítica, buscamos compreender (1) a motivação conceptual e de uso de tal rede e (b) as multidimensões (semântico-pragmática e morfossintática) que a configuram. Os resultados principais desta agenda investigativa é o que passamos a sintetizar nesta seção.

Em relação à natureza das motivações da rede lexical metafórica de ‘animal’, nossas análises, sustentadas pela visão experiencialista (experiência física, social, cultural) do pensamento e da linguagem (Lakoff 1987; Lakoff & Johnson 1999; Lakoff & Turner 1989; Fauconnier 2002; Talmy 1988, 2000), descreveram suas bases conceptuais – esquemas imagéticos e projeções figurativas, metafóricas (CAUSA É FORÇA FÍSICA, PESSOAS/ ENTIDADES SÃO ANIMAIS) e metonímicas (Parte/ Tudo).

A determinação do **uso** na emergência ou significação de tal rede também é demarcada em nossa análise, na medida em que evidenciamos que (1) os itens lexicais em foco passam a atuar como estratégias de subjetificação e que (2) a polissemia - em relação a propriedades a que se aplicam - só se resolve no contexto efetivo de enunciação, mediante estratégia metonímica de inferência.

Em termos do processo de convencionalização dos sentidos, o que constatamos é também um padrão polissêmico - o significado básico de nossos itens lexicais é, naturalmente, preservado (como ULs do *frame* ‘animal’), ao lado do significado escalar que tais itens têm dentro *frame* de ‘posição em uma escala’.

Nosso estudo procura, por fim, evidenciar, mediante procedimentos de análise de frequência, os padrões morfossintáticos de cada item de nossa rede lexical, de modo a avaliar, com um conjunto significativo de evidências empíricas, o estágio do processo de recategorização e convencionalização de seu uso metafórico. Nesse sentido, o que temos, portanto, é uma expansão morfossintática para um padrão sintático duplo: (1) o SN2 (com sentido metafórico) mantém função de substantivo: o que ocorre em 68,7% das ocorrências analisadas. E em (2) é sintaticamente reanalisado como um adjetivo, com estatuto de

adnominal ou predicativo, como podemos verificar em 31,3% das ocorrências. De fato, os números desta passagem de uma classe mais aberta (Substantivos) para uma classe mais fechada (Adjetivos) mostram uma resistência à mudança morfossintática.

Em termos de definição epistemológica, o que nossas análises do léxico apontam, de modo reiterado, é que o desvelamento dos processos de significação da linguagem, em geral, e de cada língua, em específico, demanda uma abordagem integrada da experiência humana, o que implica falar de linguagem, cognição e cultura (Kövecses, 2005). Nesse sentido, o aporte sociocognitivo evocado neste estudo (FAUCONNIER e TURNER 1997, 2002; CROFT 2004; FILLMORE 2007; LAKOFF e JOHNSON 1980, 1999; BARCELONA 2003; SARDINHA 2004; ALUÍSIO 2006) revelou-se de grande eficácia analítica, ao nos instrumentalizar para um trato do fenômeno abordado a partir de sua dimensão conceptual, sem negligenciar, contudo, as determinações de uso, sustentadas pela dinâmica do discurso e pela cultura.

ABSTRACT: This article has as object of research using superlative metaphorical frame "animal" (lexical items 'animal', 'bicho', 'fera', 'monstro' and 'gigante'). Under the perspective of the Cognitive Linguistics, our main theoretical support are the models of categorization and conceptualization as well as the Conceptual Theory of Metaphor and Metonymy. To describe the conditions of use of these lexical items in the PB, our methodological choice falls on an on a corpus-based research. The results strengthen the hypothesis that the process of semantic and categorial change of the lexical items from frame "animal" implies the projection of this domain-source in a domain-target, the frame of Position in a scale.

Keywords: lexical semantics; metaphor; polisemy.

## Referências bibliográficas

ALBERGARIA, G. *Projeção Figurativa e Expansão Categorial no PB: o caso de um frame 'animal'*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFJF, Juiz de Fora, 2008.

ABRIL.COM. Notícias *online*, atualidades e *sites* Abril. Disponível em <<http://www.abril.com.br/>>. Acesso em: agosto 2007. maio 2008.

ALUÍSIO, S. M.; ALMEIDA, G. M. B. O que é e como se constrói um *corpus*? Lições aprendidas na compilação de vários corpora para a pesquisa lingüística. *Revista Calidoscópico*. Unisinos, v.4, n.3, p. 156-178, 2006.

BARCELONA, A. The cognitive theory of metaphor and metonymy. In: \_\_\_\_\_. *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*. Berlin. New York: Mouton de Gruyter, 2003a. p. 1-28.

\_\_\_\_\_. On the plausibility of claiming a metonymic motivation for conceptual metaphor. In: \_\_\_\_\_. *Metaphor and Metonymy at the Crossroad*. Berlin, New York: Mouton

de Gruyter, 2003b. p. 31-58.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: CUP, 2004.

FILLMORE C.; JOHNSON C.; PETRUCK M. Background to Framenet. *International Journal of Lexicography*, v. 16, n. 3. Oxford University Press, 2003.

FRAMENET Project. FILLMORE, C. J. et all. (coord.) Database disponível em <<http://www.icsi.berkeley.edu/~framenet>.>

G1 Portal de Notícias da Globo.com. Disponível em: < <http://www.g1.globo.com>.> Acesso em: agosto 2007 a Maio 2008.

GEERAERTS, Dirk & Cuyckens, Hubert. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford, 2007.

Lakoff, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980. Edição brasileira: *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de M. S. Zanotto e V. Maluf. São Paulo: EDUC, 2002.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G. *Women, Fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

\_\_\_\_\_. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.) *Metaphor and thought*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

MIRANDA, Neusa S. O caráter partilhado da construção da significação. *Revista Veredas*. EDUFJF. Juiz de Fora, v.5, n.1, 2001. 57-81.

NEVES, M. H. M. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000. 173-229.

PERINI, M. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SARDINHA, T. B. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Editora Manole, 2004.

SCOTT, Mike. *Wordsmith Tools*. Versão 4.0 Liverpool: Oxford University Press, 1996. Disponível em < [www.lexically.net/downloads/version4/](http://www.lexically.net/downloads/version4/)>. Acesso em agosto 2007.

TRAUGOTT, E. C. *The concept of construcional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization*. *Cognitive Linguistics*. 2007. p.523-557

RECEBIDO EM 10/04/2011 — APROVADO EM 20/07/2011